

Fiesp já estuda o grande plano

Empresários já começaram a discutir o plano de substituir importações, mas Cláudio Bardella acha que numa primeira etapa só pode atingir US\$ 500 milhões.

A indústria não tem condições de substituir importações de US\$ um bilhão em 1983, como pretende o ministro Delfim Neto, mas no máximo US\$ 500 milhões, sendo que de US\$ 200 a 300 milhões a curto prazo. Esta estimativa foi feita ontem pelo empresário Cláudio Bardella, ao final de uma reunião na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, em que representantes de vários setores começaram a debater o assunto, para elaborar um grande plano de substituição de importações.

Ao término do encontro, era evidente que os empresários ainda não têm uma idéia clara de como promover esta substituição de importações. A única coisa que parecia certa até ontem era a liberação pela Secretaria do Planejamento de uma verba de Cr\$ 60 bilhões para que a Finame (Agência de Financiamento Industrial do BNDES) possa viabilizar a adaptação do parque fabril às novas exigências.

O velho plano

Existe também um estudo da Fiesp, encaminhado ao governo há dois anos, prevendo a fabricação no País de centenas de itens até hoje importados. O empresário Paulo Francini disse desconhecer esse trabalho, enquanto outra fonte da Fiesp confirmava já ter sido entregue às autoridades. Parece até ser com base nesse estudo que Bardella prevê a possibilidade de uma economia de US\$ 200 a 300 milhões.

Seja como for, ninguém chegou a explicar por que as propostas da Fiesp não foram colocadas em execução na época em que foram sugeridas. Bardella disse vagamente que faltava assegurar o mercado comprador para as indústrias nacionais. Assim é que até hoje o País continua importando buchas, aruelas, parafusos, retentores e outros insumos muito utilizados pela indústria automobilística.

Hoje, no entanto, isso pode acabar, "uma vez que a própria proibição das importações serve como garantia de que o comprador terá de fazer seus pedidos no mercado interno".

A questão mais importante, no entanto, no "novo projeto de nacionalização", segundo Bardella, "é que não se tente fazer isso a olho". Para se alcançarem os objetivos pretendidos, é indispensável um sistema permanente de consultas mútuas entre as entidades representativas dos diferentes setores

industriais e a Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil, "num processo contínuo de assessoramento dessas entidades junto à Cacex".

Bardella recordou que entre

1973 e 1978, em cinco anos, portanto, "conseguimos substituir quase US\$ 2 bilhões" (o governo pretende substituir metade disso em um único ano), um processo que acabou prejudicado pelo Befix e pelos

mechanismos de draw back. Ambos, a pretexto de aumentar as exportações, permitem importações às vezes de bens tradicionalmente produzidos no País, com sérios prejuízos para as indústrias aqui em fun-

cionamento. Por causa disso, o Befix já foi duramente criticada no passado pelo atual presidente do Sindipeças, Carlos Fanuchi de Oliveira.

De qualquer forma, algumas

idéias começam a consolidar-se. Uma delas, segundo Bardella, é que os financiamentos com esse objetivo sejam aplicados em projetos "de curtíssimo prazo para que surtam os efeitos desejados". Os empresários sugeriram a Delfim que a liberação dos recursos seja feita em casos específicos. "Sugerimos de antemão que fosse via Finame, por ser este órgão mais flexível, mais rápido e exigir como garantia apenas a própria máquina."

A Fiesp está procurando coordenar os diversos setores industriais para fixar novas substituições de importações. Da primeira reunião, realizada ontem, participaram, "por já terem um know-how muito grande no assunto", os presidentes da Abinee (Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica), Firmino Rocha de Freitas, e do Sindipeças, entre outros. Nos próximos 15 dias, será realizada uma segunda reunião, incorporando outros setores, como o químico e o alimentício.

Referindo-se especificamente à sua área, a de bens de capital, um dos mais atingidos pela recessão, Bardella comentou que um novo processo de substituição de importações pode não "reativar o setor, mas pode tirá-lo do túmulo".

Depois da reunião, Firmino Rocha de Freitas comentou que a tentativa do governo em economizar com as importações deverá vir de modo que "não cause impactos nem maiores problemas às exportações". Acrescentou que os programas Befix não deverão sofrer maiores restrições, "já que o controle das importações por essa via são efetivamente mantidos pela Cacex".

O presidente da Abimaq (Associação Brasileira da Indústria de Máquinas), Einar Kok, observou que, antes de qualquer iniciativa, "é preciso ter uma visão global do problema. É básico que o governo deixe de subsidiar o produto final e passe a subsidiar o próprio setor de produção, de forma a fazer uma substituição efetiva de importações, conjugada com um aperfeiçoamento tecnológico que possa trazer maior poder de competitividade aos produtos brasileiros no Exterior".

Paulo Francini frisou que o significado desta e das próximas reuniões na Fiesp têm uma finalidade clara: obter conclusões rápidas e objetivas sobre o que poderá ser efetivamente substituído.

Empresários discutem a crise do comércio exterior. E desaconselham o sistema de trocas; falam em maior participação nas decisões oficiais e sugerem formas de ativar as relações com nossos vizinhos.